

Prólogo

Cizina Célia Fernandes Pereira Resstel

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RESSTEL, CCFP. Prólogo. In: *Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 21-28. ISBN 978-85-7983-674-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PRÓLOGO

Este tema de pesquisa estabelece um forte vínculo com minha experiência de vida. Fui uma *dekassegui*,¹ vivi intensamente essa experiência e, se não fosse por isso, talvez dificilmente teria elegido esse tema de pesquisa para o meu mestrado.

Durante o forte movimento *dekassegui*, na década de 1990, meu marido e eu também fomos tomados pela ideia de trabalhar no Japão, já que conhecíamos muitos descendentes que estavam na “Terra do Sol Nascente”. O meu marido é descendente de japonês da chamada terceira geração, ou seja, é um *sansei*.² Pensávamos na construção de um futuro próspero. Eu, recém-formada em psicologia, e meu marido, bacharel em direito, na época funcionário público. Deixamos tudo. Partimos para o Oriente em busca de realizações pessoais. Algo muito intenso alimentava a ideia de tentar a vida no Japão. Entretanto,

1 *Dekassegui*: originado do japonês *Deru* (sair) e *Kasegu* (ganhar dinheiro). Aquele(a) que sai para trabalhar fora em serviços temporários para ganhar dinheiro. Anteriormente, o termo *dekassegui* era usado para os japoneses das ilhas do norte e nordeste que se deslocavam temporariamente para as regiões do sul do Japão em busca de trabalho para fugir dos invernos rigorosos da região. Entretanto, o termo *dekassegui* também é usado para os descendentes de japoneses que se deslocam para o Japão em busca de trabalhos temporários.

2 *Sansei*: Sansei (mf), cidadão (cidadã) brasileiro(a) neto(a) de emigrante (imigrante) japonês; terceiro(a) (Hinata, 1998, p.373).

sabíamos que não seria fácil. Estávamos cientes das dificuldades. Tínhamos em mente as questões das diferenças culturais, a língua japonesa, a comida, o sistema de trabalho em ritmo acelerado, a rigorosa disciplina. Porém, a primeira impressão de estranhamento veio quando estávamos no avião, sobrevoando o território japonês. Comecei a sentir tudo aquilo como estranho e desconhecido, nada familiar para mim. O desejo era de não descer ali, ou psicanaliticamente falando, não refazer, naquele momento, o que parecia ser outro nascimento. Mesmo não sendo o interior de um avião um ambiente familiar para mim, me soava, naquele instante, como um lugar de aconchego e proteção que poderia me levar de volta à terra-mãe e me livrar daquela que, do alto, parecia inóspita. A primeira sensação no solo, ainda dentro do aeroporto de Nagoya, foi de um calor até reconfortante, mas que se dissipou rapidamente e foi substituída por uma sensação do frio intenso que fazia, uma temperatura abaixo de zero, naquele 31 de dezembro de 1996. A recepção foi feita por um funcionário da empreiteira onde iríamos trabalhar e um casal de parentes. Fomos para o estado/província de Shizuoka, localizado na região central do Japão. Assim começava minha história de vida como *dekasegui*.

Esta história não se difere de tantas outras vivências de muitos que partem em busca de sucesso profissional e financeiro no Japão e se separam de seus familiares, amigos, de seus objetos amados, em busca de algo desconhecido, novo e idealizado. Uma mudança radical como essa, vivenciada pelos *dekasseguis* quando desembarcam no Japão e travam os primeiros contatos com essa terra tão distante e diferente, dispara sensações, sentimentos, afetos, pensamentos, imaginações de todo tipo. É uma verdadeira tempestade emocional, sobretudo porque, diferentemente de um viajante temporário ou de um turista, o *dekasegui* não se depara com uma paisagem curiosa ou de lugar exótico para ser contemplado, experimentado levemente e Tateado à distância, mas, sim, encontra-se em um lugar absolutamente estranho, no qual irá viver por certo tempo e terá de produzir suas condições de existência.

Mesmo em companhia de familiares, como era o meu caso, o desamparo e a insegurança, quando não alguma persecutoriedade

acompanhada de desconfiança e da percepção de um ambiente hostil, são sentimentos inevitáveis. O desamparo parece ser o sentimento básico nessa experiência, desencadeado pela sensação e percepção de perda das ancoragens e dos referenciais de si mesmo estabelecidos ao longo da vida assentada num determinado lugar; de perda do entorno geográfico, social, cultural e psicológico, até então fixo, estável e bastante familiar.

No Japão, trabalhei como operária numa fábrica. As dificuldades iam aparecendo diariamente. O serviço era árduo, acelerado, e havia uma grande exigência das chefias, normalmente ocupadas por japoneses natos. O funcionário que errava se tornava uma “máquina estragada” e imprestável para exercer sua função na fábrica. Meu objetivo e do meu marido era conseguir fazer uma boa poupança para retornar ao Brasil. Voltávamos ao alojamento após doze horas de trabalho. Optamos por morar no alojamento. Era pequeno e sem conforto. Tínhamos a intenção de economizar o quanto fosse necessário. Quanto à questão da adaptação, foi acontecendo aos poucos, mas nos primeiros meses sentíamos saudades da família e da comida brasileira. A língua japonesa fez com que eu me sentisse um bebê que vai aprendendo as primeiras palavras no seu ambiente de convivência, assolado pelo desejo de se comunicar, de se fazer entender e entender os outros. As saudades do Brasil e dos meus familiares permaneceram durante os oito anos que morei no Japão. Como *dekassemi*, me sentia insegura, ameaçada e em perigo. Não tinha garantia de emprego e muito menos de moradia. Os administradores da empreiteira abusavam do seu poder, intimidando os funcionários de despejo se não os obedecessem. Sob ameaças e sem forças para quaisquer enfrentamentos, a tendência é ir se anulando e contendo impulsos e desejos à custa de muito sofrimento.

O tempo foi passando e a esperança de retornar era o que mais alimentava minha vida. Para tornar a situação ainda mais problemática, a economia japonesa começou a entrar em recessão. A insegurança aumentava por viver num país desconhecido; sentia-me sozinha e ameaçada de perder o emprego, totalmente desprotegida.

A saída do Japão, onde permanecemos por oito anos, foi uma experiência de deixar a terra que não simbolizava a mãe natural, mas que acabou tratando bem seus filhos adotados, imigrantes, dando-lhes o sustento e uma poupança adicional. De terra estranha e distante, passou a me soar como próxima e familiar, produzindo significações emocionais e criando um espaço mental de lugar de morada por tempo determinado e de estabelecimento de laços de amizade e de absorção de crenças, práticas e valores, como a rígida disciplina, por exemplo, que muito estranha os brasileiros. Mal sabia que o retorno não seria tão menos problemático do que fora a saída do Brasil. Depois desses oito anos no Japão, a partida ressuscitou novamente o fantasma da separação, trazendo-me de volta sentimentos de dor, perda e medo do novo. No Brasil, seria um reinício, uma readaptação ao sistema brasileiro e a reconquista de um novo espaço.

Ao chegarmos ao país de origem, tivemos a percepção de que ele não era propriamente desconhecido, mas que estava diferente, ou seja, modificado pelo tempo, dando-nos uma sensação de estranheza. O crescimento e desenvolvimento da cidade, as feições das pessoas não eram mais aquelas dos orientais, às quais já havia me habituado. Novamente nos deparamos com o choque cultural, talvez até pior do que aquele vivido na chegada ao Japão porque, agora, tratava-se de retificar registros fortemente estabelecidos e que não mais correspondiam ao que percebíamos e sentíamos. Ressurgem o medo, o perigo e o desamparo psíquico nessa percepção de estar duplamente expatriado ou desfiliado: nem a mãe natural, nem a adotiva. No retorno, senti na pele o que é a chamada experiência de se constituir como sujeito no “entre”, ou seja, no espaço que liga dois lugares; que está entre dois lugares distintos. Nem aqui, nem lá, mas entre os dois. Nas primeiras sensações do retorno, me sentia exatamente assim: nem no Japão, nem no Brasil. Fora de um lugar e agora inteiramente desamparada porque, se antes, ao chegar ao Japão, podia me refugiar nas lembranças acolhedoras do Brasil, agora nem sequer a lembrança era um porto seguro; aliás, as lembranças eram o maior fator de instabilidade e insegurança, pois a cada momento sentia que o que havia deixado para trás na primeira partida já não estava mais ali.

Mesmo com o passar dos anos do retorno e com a readaptação razoavelmente realizada, não deixei de reconhecer como parte inextrincável de mim o que resultou dessa experiência radical como *dekassegui*. Seguramente, nem sequer conseguimos reconhecer com muita clareza o que uma experiência como essa suscita e perceber suas influências no modo de ser atual. Essa proposta de pesquisa é, indubitavelmente, mais um desdobramento da minha experiência como *dekassegui*, e espero conseguir, por meio dela, trazer alguma contribuição ao conhecimento do fenômeno migratório, cada vez mais proeminente na atualidade.

A minha experiência de viver um longo período no Japão fortalece a impressão que já tinha sobre as dificuldades das crianças *dekasseguis*. Perante a atual e dura realidade dos filhos de *dekasseguis* que vivem no Japão, pude confirmar o desamparo psíquico desencadeado pelas longas ausências diárias dos pais e pela dificuldade de aprender o novo idioma, e talvez o único de seu conhecimento. É importante lembrar que muitas dessas crianças nasceram no Japão e frequentaram escolas japonesas, sempre correndo atrás do atraso escolar.

De forma sucinta, não poderei deixar de comentar e escrever sobre a minha segunda viagem para o Japão, que posteriormente pretendo descrever no doutorado. Não poderia imaginar que tão logo retornaria à “Terra do Sol Nascente”. O convite para participar do “Programa de Desenvolvimento de Apoio Psicológico no Estado de São Paulo voltado aos *dekasseguis* e seus descendentes que retornam ao Brasil” veio da Dra. Mary Yoko Okamoto, coordenadora do projeto e professora da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Assis (FCL/Unesp). Esse trabalho teve início em 2012 e está sendo realizado pela Unesp de Assis em parceria com a JICA (Japan International Cooperation Agency). O retorno para o Japão aconteceu no dia 3 de setembro de 2012, juntamente com a coordenadora e mais duas colegas psicólogas que também participam do projeto. A coordenadora permaneceu no Japão por quinze dias, enquanto minhas colegas psicólogas e eu ficamos por um período de três meses, cada qual em um estado/província japonesa.

A princípio, surgiu em mim um sentimento de felicidade por poder retornar ao Japão, onde morei e trabalhei por longos oito anos, acompanhada do meu esposo. Fiz dessa “terra” a minha “casa”. A percepção do reencontro com a terra japonesa novamente veio no avião. Estava muito ansiosa de como encontraria a minha terra adotiva, a japonesa. Desta segunda vez, tive a sensação de que a terra nipônica não era mais seca, e sim estava arborizada e diferente do primeiro contato ocorrido em 1996. A paisagem mudara, estava mais bonita de se ver e apresentava um aspecto mais agradável.

As diferenças vão surgindo quando nos deparamos diretamente com o solo japonês. Agora encontrava-me em outra condição: não era mais uma “imigrante *dekassegui*”, era uma “estrangeira” num país que era “familiar”. Apesar da “familiaridade”, o tempo surge como “outro”, ou seja, “outro tempo” – as pessoas não são as mesmas, nem o lugar é o mesmo de antes. Apesar de estar acompanhada, senti que era um novo momento da minha vida e igualmente desconhecido, não sabia o que realmente os japoneses esperavam do nosso trabalho. Surgiram vários sentimentos: a insegurança, o medo de errar, a impotência, a tristeza e, algumas vezes, a sensação de desamparo. Encontrava-me sozinha, na cidade de Nagoya, hospedada no hotel da JICA.

A cada dia percebia o quanto de Japão existia em mim. Apesar do meu limitado conhecimento da língua japonesa, considero-a a principal problemática da comunicação no mundo nipônico, por ser uma língua muito difícil e totalmente diferente da nossa. Sentia a necessidade de “querer compreender o outro” e “de desejar ser compreendida por esse outro” no novo momento de vivência oriental. Entretanto, dessa vez, não cheguei somente com o Brasil, mas também com um Japão que se encontrava adormecido dentro de mim. O contato do dia a dia com o território e com os japoneses natos foi despertando as palavras, expressões nipônicas, comportamentos mais contidos, hábitos, o paladar. No entanto, não cheguei totalmente “vazia” como da primeira vez. Já não era mais considerada um bebê recém-nascido, psicanaliticamente falando; já tinha oito anos de vida nipônica. Portanto, estava crescida, embora ainda não soubesse me comunicar fluentemente na língua japonesa.

Durante essa nova experiência de vida, fica nítida a “condição de ser estrangeira” nesse país. Os japoneses desejavam me “escutar”, diferentemente de quando era uma “imigrante”, uma simples operária, e “nunca era escutada”. Duas experiências tão diferentes, vividas pela mesma pessoa, como dizem os compositores Fernando Brant e Milton Nascimento (1985) na música “Encontros e despedidas”: “[...] são só dois lados da mesma viagem, o trem que chega é o mesmo trem da partida [...]”. No momento anterior, como “imigrante *dekassegui*”, o palco da vida era outro. O cenário muda completamente, a paisagem não é mais a mesma. Nesse novo cenário no Japão, eu era a estagiária da JICA, ou seja, a psicóloga que partiu do Brasil para o Japão com o propósito de contribuir com a nova e difícil realidade da família *dekassegui*. Como “imigrante”, o vértice era outro. Ouvia dos japoneses líderes da fábrica a palavra *dame*,³ ou seja, “não pode”, e, como “estrangeira”, só ouvia a palavra *daijōbu*,⁴ que quer dizer “tudo bem”, “pode” (no sentido de aprovação). Duas palavras tão próximas: “imigrante” e “estrangeiro”, vividas no mesmo mundo de formas tão distintas.

Diante da nova realidade, agora como psicóloga, numa “condição de estrangeira”, ou seja, numa condição de retorno muito melhor do que a “condição da chegada do imigrante *dekassegui* no Japão”, constato que muda a forma de tratamento dos japoneses em relação à condição profissional no país. Como estrangeira em terras nipônicas, sentia-me acolhida pelos japoneses, e o sentimento de desamparo era mais atenuado.

Na condição de imigrante *dekassegui*, o sentimento de desamparo permaneceu durante os oito anos de Japão, teve continuidade e foi intensificado no retorno ao Brasil. Nessa segunda viagem ao Japão, esse sentimento foi menos ameaçador; sentia-me mais segura. Já o sentimento de desamparo para o imigrante *dekassegui* parece ser constante, não cessa nunca, não tem fim; é como se o sentimento de

3 *Dame*: [adj-v] inútil, ruim; sem esperança; impossível; dever, não poder (Ohno, 1989, p.87).

4 *Daijōbu*: [adj-v] seguro; certo (Ohno, 1989, p.83).

desamparo o acompanhasse e fizesse parte do seu destino na condição de imigrante.

Foram duas experiências bem distintas, cada uma despertando determinados sentimentos, afetos, e provocando reflexões específicas, que me impeliam a examinar minha própria vida e também a daqueles que, tal como eu, se dispuseram a ir tão longe e a enfrentar tantos desafios.

Entre as tantas questões que poderia formular em torno da experiência dos *dekasseguis*, elegi uma que não me atingiu diretamente, mas que me sensibilizou bastante: a dos filhos dos imigrantes. Não tive filhos, mas me tocava profundamente e me chamava bastante a atenção esta situação dos filhos dos meus conterrâneos *dekasseguis*. Se para os adultos os desafios eram grandes, para as crianças como seria, de repente, estar em “outro mundo”, seja tendo nascido no Brasil, ou tendo nascido no Japão? Como as crianças elaboram as referências das duas culturas com as quais têm contato direto ou indireto? Como ocorre sua adaptação nas mudanças de país? Quais seriam as dificuldades ou choques de ser uma criança brasileira no Japão ou uma japonesa no Brasil?

São essas indagações que pretendo tomar como guia para esta pesquisa.